

A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DA OBRA DE LIMA BARRETO EM CONTEXTO DE ENSINO DE LITERATURA

*Luciano Mendes Saraiva*⁴⁷

*Willianice Soares Maia*⁴⁸

RESUMO

Dentre as diversas funções da literatura, destacamos a capacidade pedagógica de contribuir de maneira efetiva para o enriquecimento intelectual e cultural dos alunos, desenvolvendo seu senso crítico, principalmente quando as leituras tratam de temáticas que fazem parte do seu cotidiano, abordando temas atuais e produzindo um espaço de debate para que possam expressar-se de maneira crítica, apropriando-se do conhecimento como mecanismo de defesa. Diante disso, este trabalho propõe possibilidades para o ensino da literatura, a partir da vida e da obra de Lima Barreto, fazendo uma relação com os textos e memórias de um autor que, embora tenha vivido no século passado, suas temáticas

⁴⁷ Mestre em Letras: Linguagem e Identidade pela UFAC. Docente de Língua e Literatura Espanhola da Universidade Federal do Acre. Doutorando pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. E-mail: lmsaraiva@uol.com.br.

⁴⁸ Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Docente de Línguas pelo Instituto Federal do Sul de Minas Gerais – Campus Poços de Caldas. Doutoranda pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. E-mail: willianice.soares@gmail.com.

dialogam com os contextos atuais, o que lhe confere o título de autor moderno. Para a composição do estudo, foram levantadas discussões com base nas propostas de documentos oficiais, como PCN (2000), de autores como Costa Lima (1981), Bakhtin (2006), Antunes (2009), Lagares (2018), Schwarcz (2019), dentre outros. Como contribuição, apresentamos a reflexão de que a escola, enquanto um espaço democrático e formador, pode promover atividades interdisciplinares que envolvam linguagem e literatura, práticas que dialoguem sobre as questões sociais, apresentando propostas políticas que busquem à promoção da igualdade, respeito e luta pelo bem comum, a partir de leituras de autores inquietos e questionadores como Lima Barreto.

Palavras-chave: Lima Barreto; Ensino de Literatura.

INTRODUÇÃO

A literatura se efetivou como um componente indispensável para o desenvolvimento pessoal e intelectual dos alunos, haja vista seu caráter crítico e as competências que ela pode desenvolver dentro e fora da sala de aula. Através da literatura, um sujeito em processo de desenvolvimento, pode satisfazer algumas de suas necessidades, sobretudo os aprendizes do Ensino Médio que já estão em um nível avançado e podem assumir posicionamentos críticos em relação ao mundo, à sua vida, à comunidade em que vivem, por meio de mensagens, indagações e descobertas que a leitura literária pode oferecer.

Em entrevista ao jornal Público sobre o papel da literatura, o escritor peruano Mario Vargas Llosa afirma que:

A literatura não é apenas uma fonte maravilhosa de prazer. Cumpre, além disso, uma função social e histórica de primeira ordem que é a de desenvolver nos leitores um espírito crítico. Depois de termos lido uma grande obra literária, um grande romance, um grande poema, um ensaio, regressamos ao mundo real convencidos de que a realidade está mal feita, que está muito aquém daquela ficção que somos capazes de inventar através da fantasia e da palavra. Isso faz-nos olhar para a nossa envolvimento social, cultural e política com olhos muito críticos (JORNAL PÚBLICO, 2014).⁴⁹

Percebe-se que o escritor expõe o texto literário muito mais do que como um instrumento de fruição, mas o converte em uma importante ferramenta de compreensão em relação à vida e para a vida, cujos reflexos podem ser percebidos na formação social, cultural e política de um indivíduo, cujas posturas podem contribuir para a resolução de problemas do cotidiano do/no ambiente

⁴⁹ Jornal Público – Lisboa – 26 de julho de 2014.

que o cerca. Não obstante, o exercício de leitura de textos literários precisa ser fomentado dentro e fora da sala de aula.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento oficial que legisla sobre o Ensino Médio, destaca o perfil de saída do aluno do Ensino Médio. As diretrizes que preconizam este documento também estão relacionadas às finalidades de um ensino que prepare para a vida, conforme determina o art. 35 da Lei 9.394/96, inciso II “*a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico*”. Essa orientação pode ser atendida por meio da área de conhecimento definida como Linguagens, Códigos e suas Tecnologias que opera contemplando o ensino de literatura.

Como podemos observar, o ensino da linguagem e da literatura é importante, sobretudo no mundo contemporâneo, globalizado e tecnológico, que coloca os alunos em condições de dúvidas e conflitos que precisam ser refletidos e resolvidos, como apontam os PCN (2000):

No mundo contemporâneo, marcado por um apelo informativo imediato, a reflexão sobre a linguagem e seus sistemas, que se mostram articulados por múltiplos códigos e sobre os processos e procedimentos comunicativos, é, mais do que uma necessidade, uma garantia de participação ativa na vida social, a cidadania desejada (PCN, 2000, p. 18).

Como vemos, a área de conhecimento Linguagens, Códigos e suas Tecnologias pode ser vista como “a capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade” (PCN, 2000, p. 19). Nesse pressuposto, a principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentidos.

Portanto, neste estudo, destacamos a importância do ensino da literatura pautado na “expressão criadora e geradora de significação de uma linguagem e do uso que se faz dos seus elementos e de suas regras em outras linguagens”, que são usadas no contexto diário, pois o convívio social requer o domínio das linguagens como instrumentos de comunicação e negociação de sentidos, motivo pelo qual temos a literatura como um modelo particular de linguagem. Nesse viés, este estudo tem por objetivo propor possibilidades para o ensino da literatura, a partir da vida e da obra de Lima Barreto, fazendo uma relação com os textos e memórias de um autor que viveu no século passado, dialogando com contextos atuais.

Acreditamos que o estudo da vida e da obra de Lima Barreto é muito significativo para quem vive em um país com constantes crises identitárias e ideológicas, que continua se debatendo de forma conflituosa com as heranças deixadas, pois ele faz duras críticas a este sistema que ainda admite as mais diversas formas de assimetrias sociais e discriminações.

Como forma de evidenciar o quanto o racismo é latente em nossas sociedades, lembramos a polêmica sobre a relevância e a pertinência da adoção de cotas, a dificuldade que o negro tem para inserir-se no mercado de trabalho, o apagamento da contribuição do negro para o desenvolvimento da nação, o apagamento da figura do negro em meios de comunicação de massa etc. Estes exemplos, comuns no cotidiano de muitos brasileiros, evidenciam o quanto o racismo e o preconceito continuam fazendo vítimas, ocorrendo em diversos contextos. Quando não explícitos, ocorrem velados através da discriminação social, cultural, étnica, política, religiosa, sexual ou etária, que pode, por sua vez, levar à exclusão social. Infelizmente, situações como estas fazem parte da realidade vivida por uma parcela de alunos, professores e outros membros das escolas e universidades públicas e privadas brasileiras.

Nesse cenário, estudar a vida e (re)ler a obra desse autor, considerado pelos críticos literários como polêmico, é trazer à baila a indiscutível função pedagógica da literatura ao oportunizar espaços de leituras e debates sobre temas que perpassam a marca cronológica e permanecem latentes nos dias hodiernos, dentre eles o racismo, o preconceito, a desigualdade social e outros importantes temas tratados por Lima Barreto.

No Final do Realismo no Brasil, ocorrido em torno de 1900, essa escola literária ainda trazia à tona as máscaras que cobriam as imperfeições da sociedade, portanto, as narrativas eram ambientadas em espaços miseráveis e os personagens condicionados a fatores naturais e sociais. Estes elementos podem ajudar a justificar as produções de Lima Barreto. Já o Realismo/Naturalismo no Brasil traz a cara da sociedade despida, cruel, dando prioridade à burguesia privilegiada, presa à arte do espelho em que suas vergonhas são expostas não somente no reflexo, mas na aparição clara e real descrita pelos autores daquele período, que deixavam o odor fétido social se espalhar em meio ao caos das classes dominantes e dominadas (COSTA LIMA, 1981).

É importante destacar que, em 1922, ocorre no Brasil a Semana da Arte Moderna, ou seja, um novo movimento literário entra em cena e o Pré-Modernismo, preocupado em desnudar a sociedade brasileira, usa a literatura como denúncia. Para isso, leva uma linguagem acessível ao leitor. As preocupações divinas

perderam espaço para as dos homens, tornando-os protagonistas, largados à própria sorte sem a dependência de um salvador.

De acordo com Costa Lima (1981), nesse novo movimento, a sociedade teve de encarar seus medos, inovando sem receio de escancarar as verdades e de encarar uma vida muito mais complexa e contraditória. Nesse contexto, Lima Barreto (que não é considerado um modernista) vai esbarrar em uma nova estrutura de denúncias e liberdade de expressão em que deixará fluir sua genialidade. Descrevia, portanto, a sua compreensão, visão aérea do social, não se prendendo somente ao que alguns críticos chamavam de método biográfico, conceituado como o estudo do indivíduo na sua singularidade, mas partindo das suas vivências representadas e figuradas na sua obra. Assim, em Lima Barreto, percebe-se a presença direta ou indireta daquele que produziu e, por vezes, autor e personagem se confundem. Contudo, muitos críticos afirmam que a inspiração do autor está ligada à sua genialidade e que o método biográfico nada tem a ver com a produção literária.

Faremos uma breve descrição da vida de Lima Barreto, na tentativa de descortinar aspectos do autor que justificam a forma peculiar de sua escrita, em que a linguagem utilizada por ele atua dando identidade aos personagens descritos em suas produções.

MEMÓRIAS DE UMA VIDA DE LUTAS E SUBVERSÃO NA/PELA PERIFERIA

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu em 13 de maio de 1881 na cidade do Rio de Janeiro. Sua família era negra e humilde e seus pais descendentes de escravos. Ficou órfão de mãe quando tinha apenas 6 anos de idade. Foi apadrinhado pelo Visconde de Ouro Preto e, portanto, teve oportunidade de ter uma boa educação.

Cursou seus estudos secundários no Colégio Dom Pedro II. Mais tarde, foi cursar Engenharia na Escola Politécnica. No entanto, foi obrigado a abandonar o curso para trabalhar e ajudar sua família com as despesas. Foi funcionário da Secretaria do Ministério da Guerra e trabalhou como escritor em diferentes jornais (Correio da Manhã e Jornal do Commercio) e revistas do Rio de Janeiro (Fon-Fon, Floreal, Careta, ABC etc.).

Diante de uma vida difícil, Barreto teve problemas de alcoolismo e chegou a ser internado duas vezes. Além disso, como seu pai, sofreu de depressão aguda, motivo pelo qual, em 1914, foi internado pela primeira vez. Em 1918 foi aposentado por invalidez do cargo que exercia na Secretaria de Guerra. Faleceu em

1º de novembro de 1922 com apenas 41 anos de idade. Embora tenha tido uma morte precoce, deixou como legado uma vasta e importante obra, cujos temas ultrapassam a marca cronológica e dialogam com os problemas reais do mundo “moderno”.

De acordo com Schwarcz (2019), “Por meio do conjunto de sua obra, expressa a partir de cartas, contos, romances, diários, peças de teatro, Barreto jamais deixou de tocar em alguns temas que o distinguiam dos demais literatos da época”. A autora se refere aos temas polêmicos que Lima Barreto descrevia, que iam desde o racismo vigente no Brasil, passando pela crítica aos estrangeirismos até chegar à pobreza que migrava do centro para as periferias da cidade. Nesse período, ficaram conhecidos textos de literatos, homens e mulheres, que rompiam com os cânones da época e exprimiam-se por meio de uma literatura altamente atravessada pelo testemunho ou, como define Foucault (1983, p. 3-23), “por uma escrita de si”. Entre eles está Lima Barreto, embora no ato de sua produção literária, ele parta das ideias no plano simbólico e no campo da ficção.

Nesse sentido, os textos de Lima Barreto são, em sua predominância, memórias de uma vida de lutas, principalmente contra problemas que afetavam seu cotidiano, seus demônios, suas angústias. Em sua obra, portanto, ficção e realidade se confundem ao caminharem juntas, retratando os dramas pessoais e a vida da época.

Dentre os problemas abordados por Lima Barreto, destacam-se a falta de espaço e de vida digna a que o negro sempre esteve submetido, os diversos problemas estruturais e sociais que afetavam mais fortemente os indivíduos de classe baixa, como a exploração do homem pelo próprio homem, a luta constante dos menos favorecidos, os fortes dramas vividos pelos povos das comunidades, que viviam em condições subumanas nas periferias, além de outros problemas sociais resultantes do processo de modernização da cidade carioca, o que representava a possível modernização do Brasil.

Esses temas são atuais e é com urgência que precisam ser discutidos no contexto escolar. A literatura pode oportunizar esse diálogo, dando voz a pessoas que passaram/passam por este tipo de dissabor. Nesse sentido, estudar a obra de Lima Barreto é importante, uma vez que o literato consegue perceber e descrever as minorias pelo olhar de quem veio delas. Assim, ele olha o negro a partir do ponto de vista do negro. Do mesmo modo, seu olhar se reflete nas demais minorias presentes em sua obra frequentemente vinculada à questão da crítica social, como a denúncia sobre o racismo e o preconceito de classes etc. Nesse viés, faremos leituras de parte da obra de Lima Barreto e apresentaremos

algumas temáticas nela descrita, que corroboram com o discurso de mudança, igualdade e resistência. Serão destacados fragmentos que fundamentem a discussão proposta neste estudo, que terá a leitura como uma prática discursiva que pode desencadear ações em prol da comunidade escolar e para a vida além dos muros da escola.

A LEITURA DA OBRA DE LIMA BARRETO COMO PRÁTICA DISCURSIVA

Muitos estudos se dedicam a apontar as vantagens do ato de leitura, já que, por meio dela, o indivíduo obtém conhecimentos diversos, enriquece o vocabulário, estimula o raciocínio e a interpretação, diverte-se e pode realizar viagens sem sair de casa. Através da leitura se pode descobrir o mundo e encontrar uma forma de atuar efetivamente nele em busca de mudanças. Não pensamos na leitura como uma forma de deleite e fruição, mas como meio de estabelecer diálogo com diferentes realidades e experiências vividas e fazer deste hábito uma prática discursiva. Nesse sentido, a leitura pode ser um suporte para o indivíduo no desenvolvimento da cidadania, pois a partir do momento em que o educando compreende que a linguagem é uma atividade social de interação (BAKTHIN, 2006), poderá ser sujeito do seu discurso e participante ativo da sociedade em que vive.

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa (2008, p. 62-63), o discurso como prática social é o conteúdo estruturante que organiza e identifica o conjunto de saberes e conhecimentos, por meio das práticas discursivas de oralidade, leitura e escrita. Embora o documento trate de um tripé, e o discurso esteja presente em todas as partes, é sobre o segundo que iremos nos debruçar, isto é, a prática de leitura, ou (re)leitura como prática discursiva, tendo como pano de fundo alguns textos de Lima Barreto.

O termo (re)leitura justifica-se por sabermos que os discursos sofrerão influência do contexto sócio-histórico do leitor. Um texto literário, que ultrapassa a barreira da cronologia, pode ser (re)lido por públicos distintos, com vieses diferentes, sem perder a relação com o conteúdo. É nesse sentido que Bakhtin (2003, p. 98) defende que “a língua viva é um grande espetáculo dialógico, no qual se encontram e se confrontam vozes não apenas de diferentes forças ou grupos, mas de diferentes momentos da história da sociedade”. Assim, oportunizar a leitura de textos de Lima Barreto em sala de aula propicia estabelecer um diálogo com o autor e com a temática por ele discutida, compreender as ideologias que motivaram tais produções e, finalmente, relacionar tudo isso com o contexto atual, ou

seja, a sociedade em que o aluno está inserido. Dessa forma, será possível pensar em ações de combate para as lutas de classe.

Embasados no que defende Bakhtin, entendemos que o fenômeno ideológico se materializa através da linguagem, na interação verbal entre indivíduos socialmente organizados. Dentro desta concepção, Bakhtin (2006, p. 32) destaca que “a própria consciência individual está repleta de signos. A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social”. Assim, pensamos na (re)leitura como prática discursiva, de interação, considerando que, para o texto fazer sentido, o aluno precisa compreender os meandros pelos quais perpassam a ideologia no ato da produção, relacionar com a sua realidade e, assim, conseguir interagir com os discursos expressos.

Como podemos perceber, o ensino da literatura, vinculado ao ensino de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, deve ser desenvolvido de forma que faça sentido para o aluno, contemplando contextos que dialoguem com a modernidade e os impactos socioculturais resultantes desse período, oportunizando ao alunado discutir assuntos relacionados à sua realidade, de forma contextualizada, pois, segundo Antunes (2009, p. 186), “o ensino descontextualizado tem transformado em privilégio de poucos o que é um direito de todos, a saber, o acesso à leitura e à competência em escrita de textos”. Nesse sentido, o ato de ler deve ser desenvolvido atribuindo sentidos para a vida do educando, relacionando com os contextos diários e com uma linguagem que alcance seu nível de conhecimento.

Corroborando com proposta de um ensino contextualizado, Fonseca (1984) defende que este deve promover:

A preparação do aluno para a produção ágil dos seus discursos e para a avaliação crítica dos discursos alheios – no que se conseguirá que ele obtenha uma maior eficácia na atuação social, um maior sucesso na descoberta de si mesmo e na sua intervenção na prática social (FONSECA, 1984, p. 260).

Segundo o autor, considerando o contexto no qual se está inserido é possível atribuir sentidos ao texto. Para isso, é preciso se colocar enquanto sujeito desse contexto em relação ao enunciado, o que implica dizer que o texto literário terá mais eficácia se a temática escolhida estabelecer relações com a experiência de vida, as angústias, as motivações e as perspectivas do leitor. Portanto, seria importante para o professor planejar momentos de leitura, considerando tanto o texto quanto o conhecimento dos sujeitos do discurso, permitindo-lhes atribuir sentidos.

De acordo com Lagares (2018), “A linguagem é campo de luta” e os “lobos” que se manifestam linguisticamente podem ser combatidos (também) com palavra, desde que entendamos a linguagem como prática social (LAGARES, 2018, p. 211). O lobo aqui tratado é uma metáfora para referir-se a todos os segmentos da sociedade que, justificados por seu preconceito voraz, atacam violentamente as minorias, destilando seu discurso autoritário, racista e discriminatório. Nesse sentido, as intervenções surgidas, a partir da literatura, no combate a uma questão social específica não inviabilizam o posicionamento ativista a favor de outras causas e nem são contraditórias em relação a outras formas de ação política. O autor retoma Volóchinov (2009) ao destacar que nos usos linguísticos se manifestam posições ideológicas relativas a muitas polêmicas sociais, pois a palavra é fenômeno ideológico por excelência. Assim, nossa posição sobre o ensino de literatura também indica nosso posicionamento político e ideológico com relação aos temas polêmicos, tanto os que estão contemplados na obra de Lima Barreto como os outros tantos vividos por aqueles que compõem os grupos das diversidades.

LIMA BARRETO: O CONHECIMENTO COMO MECANISMO DE DEFESA

Como destacado, Lima Barreto faleceu aos 41 anos enfrentando as dificuldades vividas por ser negro num país que, embora houvesse abolido a escravidão, ainda não havia encontrado o caminho da liberdade, pois os direitos não eram iguais e a cidadania ainda permanecia um sonho.

O autor viveu no Rio de Janeiro, em pleno período da *Belle Époque* carioca e, por ter uma visão crítica dos padrões sociais e não se adequar às estruturas morais do seu tempo, posicionou-se de forma categórica e contrária ao modelo europeu que se instalava. Enquanto grande parte dos escritores se dedicava a escrever sobre a *Belle Époque* carioca, a vida e os costumes da elite, Lima Barreto priorizou os menos favorecidos. No fragmento presente em Diário Íntimo “eu tenho muita simpatia pela gente pobre do Brasil, especialmente pelos de cor” (BARRETO, 1956, p. 76), percebemos o quanto o tema sobre ser negro lhe era caro. Todavia, o autor tinha total consciência de que escrever sobre essa temática e de forma tão contundente poderia lhe trazer grandes problemas.

Na obra *Cemitério dos Vivos*, percebemos que o autor assume todos os riscos quando afirma: “Ah! A literatura, ou me mata ou me dá o que peço dela” (BARRETO, 2004, p. 8). Vê-se o quanto ele tinha consciência dos problemas que poderia enfrentar com sua escrita. Entretanto, nada era maior do que seu desejo de escrever e denunciar as mazelas sociais. Já em Diário íntimo, o escritor

confessa “Temo muito pôr em papel impresso minha literatura. Se eu conseguir ler esta nota, daqui a vinte anos, satisfeito, terei orgulho de viver! Deus me ajude!” (BARRETO, 1956, p. 84). Embora imagine que sua forma de escrever pudesse por vezes não agradar, o autor vislumbrava a possibilidade de ser lido, mesmo que este leitor fosse ele próprio.

Em seu primeiro romance, escrito em 1909, intitulado *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, o autor descreve a luta de um mulato contra a discriminação e as adversidades pelas quais passou na tentativa de realizar seu sonho que era ser doutor e conseguir alcançar posição social em um complexo período de regime excludente marcado por preconceitos raciais.

Na perspectiva de Isaías, ser um doutor seria uma forma de amenizar os problemas sofridos por aqueles que viveram marginalizados por causa da sua cor e, portanto, “Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor” (BARRETO, 2006, p. 21).

Na perspectiva do personagem, o êxito em ser doutor garantiria prestígio, respeito e dignidade a ponto de poder se posicionar e ter voz aonde quer que fosse:

Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro (BARRETO, 2006, p. 21).

O trecho não só faz crítica ao silenciamento que era imposto aos homens de cor, mas aventa que ter um documento do rei, certificando que o indivíduo era um doutor, resultaria em prestígio e daria legitimidade para um sujeito expressar seus pensamentos sem ser rechaçado.

Isaías não consegue tornar-se doutor, mas a leitura da obra *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* pode fomentar produtivas discussões com os alunos, não só evidenciando esse tipo de dificuldade e violência, mas fortalecendo com apoio, orientação e esclarecimentos direcionados aos alunos que viveram/vivem tais situações em seu contexto diário. Como proposta pedagógica, a escola poderia inserir projetos e ações que fossem na contramão desse discurso opressor e injusto. Por meio dessa obra, é possível ensinar valores representativos, como o amor à família, não importando o quão diferente ela possa ser, valorizar as raízes culturais e aprender a resistir contra discursos que tentem diminuir o sujeito

pelo fato de ele ser diferente, pois a discriminação e o preconceito aparecem em pequenos detalhes.

Embora tivesse instrução que poderia lhe garantir uma vida digna, Lima Barreto, viveu uma série de infortúnios e sentiu na pele a força da discriminação. No fragmento da obra *Diário Íntimo*, descreve algumas dessas dificuldades:

Acordei-me da enxerga em que durmo e difícil foi recordar-me que há três dias não comia carne. Li jornal e lá fui para a sala dar as aulas, cujo pagamento tem sido para mim sempre uma hipótese (BARRETO, 1956, p. 33).

Essa dura realidade permanece na vida de muitos cidadãos brasileiros que, embora tenham alto grau de instrução, não têm acesso ao mercado de trabalho e se sujeitam a trabalhar na informalidade, sem ter garantia dos direitos básicos, um salário digno com pagamento em dia, sendo forçados a sofrer privações.

Diante das adversidades, mesmo recebendo tratamento desigual, Lima Barreto adotava uma postura de resistência e não se sentia inferior, como observamos em outro trecho do *Diário*: “Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto, e ele far-me-á grande” (BARRETO, 1956, p. 52).

O autor se descreve de forma valorativa: “Quando me julgo – nada valho; quando me comparo, sou grande” (BARRETO, 1956, p. 52). Podemos perceber que ele não se permite abater; ao contrário, adota uma postura de resistência ao estereótipo dado ao negro. Dentre outras perspectivas, este é o tipo de mensagem que o texto literário pode oferecer para o aluno, a certeza de sua competência, de sua capacidade de superação e de empoderamento diante dos problemas impostos pela sociedade.

Convém destacar que, em termos de linguagem, Lima Barreto não se prende à linguagem formal. Essa postura revela uma preocupação do escritor em flexibilizar a escrita, procurando aproximar o que escrevia à linguagem cotidiana, isto é, aproximar-se da linguagem simples do povo, marca importante, considerando que, por meio dessa metodologia, sua voz seria alcançada por aqueles que tinham menor grau de escolaridade. Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, percebemos que ele escrevia na contramão da forma adotada pelos demais literatos da época, ao passo que tecia críticas a eles:

O que observei neles, no tempo em que estive na redação de *O Globo*, foi bastante para não os amar, os imitar. São em geral de uma lastimável imitação e limitação de ideias, cheios de fórmulas, de receitas (...) se me esforço por fazer literário é para ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele (BARRETO, 2006, p. 64).

Lima Barreto queria ser compreendido por todas as camadas sociais, sobretudo, a popular; queria tratar de temas relevantes do e para o povo. Destacamos essa característica, pois acreditamos na importância de uma escrita clara, objetiva e, acessível, considerando os níveis diversos que os aprendizes podem apresentar. Por isso, ao selecionar uma obra para ser estudada, o professor deve ter clareza do público, do tema a ser discutido, do discurso que será utilizado, para que não haja lacunas e nem ruídos na compreensão dos alunos e, sobretudo, para que esse tema tenha um efeito na vida do sujeito.

Diante da vivência do carioca da época, as assimetrias existentes entre o centro e o subúrbio, Lima Barreto veste-se de uma postura política e ideológica que ia na contramão dos demais escritores. Optou por uma literatura que seguia os preceitos da “arte da segregação” e escreveu sobre personagens e espaços ignorados, dando vozes ao menos favorecidos: pobres, suburbanos, pequenos funcionários e outros que não encontravam espaço em uma sociedade elitista, preconceituosa e excludente. Estes sujeitos podem ser observados em *Vida Urbana*, publicação que apresenta uma coletânea de crônicas que tratavam sobre o homem comum, a mulher brasileira, a polícia suburbana, o carnaval e outras histórias que darão destaques àqueles que sempre foram esquecidos ou considerados irrelevantes. Estes textos, dentre outros propósitos, tinham por perspectiva promover a justiça e a igualdade através de seus comentários de protestos.

Nos dias atuais, temas como exclusão, elitismo e preconceito seguem presentes, não só no Brasil como também em muitos países, motivo pelo qual defendemos a importância da literatura como um campo de diálogo e ferramenta indispensável para a formação crítica do alunado.

As questões identitárias e culturais também foram tratadas por Lima Barreto. Na obra *Diário Íntimo*, a afirmação da identidade da personagem é uma forma de reclamar direitos e espaços que lhe foram negados pela sociedade, numa relação de fixidez que precisava se fortalecer. Trata-se, de acordo com Bhabha (1998, p. 15), da “emergência dessas afirmações da identidade com o desencadeamento de manifestações abertas de racismos contra os antigos opressores”. Ao negar os valores do branco, Lima Barreto reafirma sua condição de negro, valoriza sua cultura e a contribuição daquele povo por meio da arte, pois “Os negros, quando ninguém se preocupava com arte no Brasil, eram os únicos” (BARRETO, 1956, p. 61). Esse fragmento serve para destacar a contribuição intelectual e cultural do negro, contrariando o discurso elitista de que só os brancos eram detentores do conhecimento.

Quando pensamos que os alunos estão em processo de [trans]formação, em especial aqueles que experienciaram situações adversas por serem negros, mulher, indígenas, imigrantes latinos, nordestinos e demais públicos da diversidade que sofreram com discriminação e preconceito, acreditamos que estudar um escritor como Lima Barreto, discutir sua vida, sua obra e como o autor se posicionou de forma aguerrida pode render bons frutos no tocante à formação identitária, intelectual e cultural dos alunos, despertando orgulho de quem se é e o desejo de traçar objetivos e autoestima para atingi-los, não desprezando as diferenças, mas lutando por igualdade. Como procuramos destacar, a literatura em sala de aula pode auxiliar nesse embate, na tentativa de deslegitimar a prática social perversa que prega a favor da exclusão daqueles que fogem aos padrões estabelecidos por uma sociedade conservadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola, enquanto um espaço democrático e formador, pode promover, por meio de atividades interdisciplinares, as quais envolvam a linguagem e a literatura, práticas que busquem dialogar sobre as questões sociais com propostas políticas que busquem a igualdade, o respeito ao próximo e a luta pelo bem comum. Logo, é importante propor um estudo da literatura com perspectivas políticas e ideológicas engajadas nas propostas de mudanças para o alunado, para a comunidade escolar e para a sociedade em que vive.

Nesse sentido, o ensino da Literatura, a partir da obra de Lima Barreto, ganha uma materialidade de resistência e de luta por direitos e por uma sociedade igualitária, que se levante contra o preconceito de sexo, cor, religião, manifestação cultural e todos os elementos que fazem parte do processo de formação identitário e cultural de um povo.

É importante salientar que, com essas experiências em sala de aula, como professores de línguas e literatura, chegamos à conclusão de que a luta contra as [in]diferenças e [pré]conceitos precisa ser diária, persistente e, por que não dizer, incansável. A única certeza que se pode ter é que lidar contra [pré]conceitos cristalizados sempre irá gerar uma discussão interminável e insolúvel. Todavia, as dificuldades não podem ser uma razão para desistência. Serão necessárias inúmeras tentativas e, ainda assim, não haverá garantias da extinção de todos os preconceitos e tampouco de ascensão dos direitos iguais. Entretanto, enquanto seres pensantes e resistentes, devemos utilizar a literatura como prática social que busca um posicionamento político e ideológico contra a discriminação que, ao longo dos anos, vem produzindo exclusão. Nesse sentido, pensamos que, a

partir das discussões de textos literários, principalmente em se tratando de Lima Barreto, poderemos fortalecer nossos educandos e, conseqüentemente, a sociedade, com informações e argumentos que colaborem para fomentar a inclusão social.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAKTHIN, Mikhail. **O discurso no Romance: Questões da Literatura e da Estética**. A teoria do Romance, tradução do russo de Aurora Bernardini e outros, 5. Ed. São Paulo, Hucitec/Anablume, 2003.
- BAKTHIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 12 ed. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARRETO, Lima. **Diário Íntimo**. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. **Vida Urbana**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- BARRETO, Lima. **Cemitério dos Vivos**. São Paulo: Planeta, 2004.
- BARRETO, Lima. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Editora Escala, 2006.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG: 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- COSTA LIMA, Luiz. **Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.
- FONSECA, Joaquim. **Linguística e texto/discurso: teoria, descrição, aplicação**. Lisboa: Ministério da Educação, Instituto de Cultura da Língua Portuguesa, 1984.
- FOUCAULT, Michael. **A escrita de si**. In: *Ética, Sexualidade, Política*. Col. Ditos e escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAGARES, Carlos Xoán. **Qual política linguística?** Desafios glotopolíticos contemporâneos. 1 ed. São Paulo: Parábolas, 2018.

MACHADO, Maria Cristina Teixeira. **Lima Barreto: um pensador social na primeira república.** Goiânia: editora UFG, São Paulo: Edusp, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto e a escrita de si.** Revista Estudos Avançados. vol. 33, n. 96. São Paulo Mai/Ago, 2019.

